



DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8651998

“Ite, eunte omnes docete”, ou seja, “Ide, ensinai a todos os povos”: paradigma da concepção de educação para todos – atitude democrática que diferencia a Paidéia Grega da Paidéia Cristã

*Valdirene Pereira Costa*¹

Resumo

O artigo busca delinear a posição da Paidéia Grega na história da Educação e evidenciar a diferença existente entre a Paidéia Grega e a Paidéia Cristã. Mostra-se que a educação é o esforço consciente do conhecimento; que esta não é uma propriedade individual, mas pertence à comunidade que imprime seu caráter em cada um de seus membros; que toda educação, portanto, é resultado da consciência viva que rege uma comunidade humana, quer se trate: de uma família, de uma classe, de uma profissão, de um grupo étnico, de um Estado; e que o homem é a fonte de toda ação e de todo conhecimento. Destaca a concepção fundante da Paidéia Cristã e sua original proposta de universalização da possibilidade de conhecer e de crer, posta para toda a humanidade. Define a Educação como processo de formação humana e importante ou destacada prática social.

Palavras-chave: Filosofia. Paidéia. Educação. Cristianismo.

Resumen

El artículo busca delinear la posición de la Paideia Griega en la historia de la Educación y evidenciar la diferencia existente entre la Paidéia Griega y la Paidéia Cristiana. Se muestra que la educación es el esfuerzo consciente del conocimiento; que ésta no es una propiedad individual, sino que pertenece a la comunidad que imprime su carácter en cada uno de sus miembros; que toda educación, por lo tanto, es el resultado de la conciencia viva que rige a una comunidad humana, ya se trate: de una familia, de una clase, de una profesión, de un grupo étnico, de un Estado; y que el hombre es la fuente de toda acción y de todo conocimiento. Destaca la concepción fundante de la Paideia Cristiana y su original propuesta de universalización de la posibilidad de conocer y de creer, puesta para toda la humanidad. Define la Educación como proceso de formación humana e importante o destacada práctica social.

Palabras-clave: Filosofia. Paideia. Educacion. Cristianismo.

¹ Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA/UNICAMP e IFSULDEMINAS. E-mail: valdirene.costa@muz.ifsuldeminas.edu.br

Introdução

Ao pensar nas civilizações mais antigas como China, Egito, Índia, Pérsia, Mesopotâmia, Hebreus, Fenícios, Grécia, Roma percebe-se que nunca houve um ideal de educação para todos. Alguns exemplos nos levam a considerar essa afirmação: na China, encontrar-se-á um ideal educacional seletivo, elitista; no Egito, a educação era para o faraó, tinha-se uma escola aristocratizada; na Pérsia a escola era para a elite, pois os demais eram escravos; na Grécia, encontraremos uma escola para homens. Percebe-se, assim, o desenvolvimento de uma *Paidéia* voltada para o homem ideal de uma determinada classe, mas não voltada para todos. Somente com a primeira pregação: Atos dos Apóstolos, que temos uma educação pensada para todos e é a partir daí que começamos a compreender a *Paidéia* Cristã. Enfim, somente com o carisma de Jesus e a pregação e a organização de Paulo de Tarso que surge uma ideia de educação para todos. Surge a ideia de que todos tem que aprender com Jesus de Nazaré, portanto, não há mais distinção entre judeus e gregos, nem entre homens e mulheres, ou seja, todos podem aprender.

O Cristianismo inaugura a atitude democrática de acesso à educação como direito de todos. Sabe-se que Paulo de Tarso nunca teve como objetivo escrever sobre educação. Ele escreveu sobre fé, mas existiu uma forma didática na sua fala e na sua escrita e isso se deve por ser um homem globalizado, cosmopolita, urbano. Paulo doutrinava por meio de cartas porque não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo e assim se dava sua organização. Neste sentido ressaltamos que ele fundou sete comunidades e podemos considerá-lo, juntamente com Jesus, o sistematizador da *Paidéia* Cristã. Em Jesus encontramos o carisma e em Paulo, a organização. Dessa forma é possível considerar que é o poder de Paulo que organiza o cristianismo. Temos no Cristianismo a originalidade da *Paidéia* Cristã e a diferença que existe entre a *Paidéia* Grega e a *Paidéia* Cristã é a atitude democrática, a ideia de que todos podem aprender.

Conforme Gross (2006) , os apóstolos mesmo receberam uma missão pedagógica: “Ide, pois e **ensinai** a todas as nações...” (Mateus 28:19, grifo nosso).

Paidéia grega

De acordo com Jaeger (2013), *Paidéia* é um conceito muito difícil de definir, assim como os conceitos de cultura e filosofia. Para o autor, o seu conteúdo e significado só se revelam plenamente quando se lê a sua história e se segue o esforço para conseguirem plasmar-se na realidade.

Sobre as expressões modernas como: civilização, cultura, tradição, literatura, educação deve-se ter o cuidado de ressaltar que nenhuma delas coincide realmente com o que os gregos entendiam por *Paidéia*. Cada um desses termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez. Portanto, *Paidéia* é civilização, cultura, tradição, literatura, educação, mas tudo isso, de uma só vez.

Conforme Jaeger (2013), a palavra *Paidéia* só aparece no século V, portanto, não se pode utilizar a história da palavra *Paidéia* como fio condutor para estudar a origem da formação grega. E, no século V, a palavra tinha o simples significado de “criação dos meninos”, em nada semelhante ao sentido elevado que adquiriu mais tarde.

O conceito de Arete

O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *areté*, que remonta os tempos mais antigos.

Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para esse termo, mas a palavra *virtude*, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez possa exprimir o sentido da palavra grega (JAEGER, 2013, p. 23).

A origem dela, portanto, está nas concepções fundamentais da nobreza cavaleiresca – é o que remonta a sua raiz. Na sua forma mais pura,

é no conceito de *areté* que se concentra o ideal de educação dessa época (Id., Ibid., p.23).

A *areté* é atributo próprio da nobreza e nos tempos primitivos *areté* está ligada à “força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no nosso sentido de ação moral e separada da força, mas sim intimamente, ligado à ela” (Id. Ibidem, p. 25). E, ligada à *areté* está a honra. Para Jaeger (2013, p. 29),

Segundo a bela explicação de Aristóteles a honra é a expressão natural da medida ainda não consciente do ideal de *areté*, a que aspira. Sabe-se que os homens aspiram à honra para assegurar o seu valor próprio, a sua *areté*. Desse modo, aspiram a ser honrados pelas pessoas sensatas que os conhecem e por causa do seu próprio e real valor. Reconhecem assim como mais alto esse mesmo valor.

E para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, “a negação da honra era, em contrapartida, a maior tragédia humana” (Id., Ibid., p. 29). O respeito e a honra eram considerados valores fundamentais para todos os heróis e eles se tratavam dessa forma e, inclusive, toda a ordem social se assentava nesses valores. Assim, elogio e reprovação caracterizavam justamente a honra e desonra. Ambos, elogio e reprovação, foram considerados pela ética filosófica dos tempos seguintes o fator essencial de toda vida social.

O significado pedagógico do exemplo.

Jaeger (2013) aponta que um ponto que é da maior importância para a compreensão da estrutura espiritual do ideal pedagógico da nobreza é o significado pedagógico do exemplo.

Os exemplos famosos transmitidos pela tradição das sagas “desempenham na estrutura social do mundo arcaico um papel quase idêntico ao que entre nós cabe à História, sem excluir a história bíblica” (Id., Ibid., p. 56). Para o poeta, “a evocação do exemplo dos heróis famosos e do

exemplo das sagas é parte constitutiva de toda a ética e educação aristocrática” (p. 58).

Jaeger (2013, p. 60) aponta que,

Platão afirmou que Homero foi o educador de toda a Grécia e isso era uma opinião geral no seu tempo. [...] ética e estética não se separam e isso é uma característica do pensamento grego primitivo. Os valores mais elevados ganham, por meio da expressão artística, significado permanente e força emocional capaz de mover os homens.

A poesia é tudo e sua vantagem sobressai qualquer ensino intelectual e verdade racional: “É mais filosófica que a vida real, mas é, ao mesmo tempo, pela concentração de sua realidade espiritual, mais vital que o conhecimento filosófico” (Id., Ibid., p. 62)

A poesia grega desenvolve, com plena consciência, de degrau em degrau e em crescente medida, o seu espírito educador. A importância educadora de Homero é evidentemente mais vasta, não se limita à formulação expressa de problemas pedagógicos, nem a algumas passagens que aspirem a produzir um determinado efeito moral. A poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única (Id., Ibid., p. 65).

Ao lado de Homero tem-se Hesíodo, um homem que os gregos acabaram considerando-o como seu segundo poeta. Surge com Hesíodo uma esfera social bem diferente do mundo e da cultura dos homens nobres.

Em Homero, toda a educação tem o seu ponto de partida na formação de um tipo humano nobre e é no cultivo das qualidades próprias dos senhores e dos heróis que nasce esse tipo humano nobre. Já em Hesíodo esse tipo humano nobre revela-se no valor do trabalho, ou seja, o heroísmo se dá por meio das lutas dos trabalhadores com a terra dura e não nas lutas em campo aberto, como considera Homero (JAEGER, 2013).

Ao se pensar na Grécia, tem-se uma humanidade que valoriza, acima de tudo, o apreço pelo trabalho e isso não foi em vão. Conforme Jaeger (2013),

[...] a sociedade aristocrática e a vida do campo não estão totalmente desligadas da *pólis*. As formas de vida feudal e campesina aparecem na história mais primitiva da *pólis* e persistem ainda nos seus estágios finais. Mas a direção espiritual pertence à vida das cidades. A *pólis* representa um princípio novo, uma forma mais firme e mais acabada da vida social de significado muito maior que nenhuma outra para os gregos (Id., Ibid., p. 106).

Pólis significa tanto Estado como Cidade, e foi com a *pólis* grega que apareceu pela primeira vez o termo Estado. Assim, Estado e *Pólis*, são equivalentes. “A *pólis* é o centro principal a partir do qual se organiza historicamente o período mais importante da evolução grega. A *pólis* é o marco social da história da formação grega” (Id., Ibid., p. 106).

Sobre a questão que envolve o termo “Estado” necessário faz analisar “o ideal espartano do século IV” porque,

Esparta não tem lugar autônomo nem na história da filosofia, nem na história da arte. Em contrapartida, Esparta tem, de pleno direito, um lugar na história da educação, pois a criação mais característica de Esparta é o seu Estado e, o Estado, representa aqui, pela primeira vez, uma força educadora no mais vasto sentido da palavra (Id., Ibid., p. 109).

A tradição nos mostra que o mais alto fim do Estado, era a *Paidéia* “quer dizer, a estruturação da vida individual, baseada em princípios e sistematizada de acordo com normas absolutas (p. 114)”. Acredita-se que a disciplina espartana se apresenta como educação Idea e, para os homens do século IV, “a possibilidade da educação dependia, em última análise, de se conseguir uma norma absoluta para a ação humana” (p. 114). Em Esparta encontraremos uma educação estatal e guerreira.

É claro que as demais cidades gregas contribuíram para a formação do homem político, mas não se pode comparar com a contribuição de Esparta que teve passos decisivos nesse sentido.

É importante posicionar Atenas neste cenário: “É na Atenas do século VI, que voltamos a encontrar uma tradição sólida. O Estado jurídico

ático pressupõe, todavia, uma longa evolução, dado que Atenas é a última das grandes cidades gregas a aparecer na História” (p. 130).

O conceito de justiça consistia na obediência às leis do Estado, como mais tarde a “virtude cristã” consistiria na obediência às ordens do divino.

Aquele ideal antigo que consistia na *areté* heróica dos heróis do tempo de Homero vai ficando pra trás na História e surge agora o rigoroso dever para com o Estado.

O conceito de justiça, tido como a forma de *areté*, que engloba e satisfaz todas as exigências do perfeito cidadão, supera naturalmente todas as formas anteriores. Todavia, os graus anteriores da *areté* não são por isso suprimidos; ao contrário, são elevados a uma nova forma. É esse o sentido da exigência de Platão, nas leis, de que o poema de Tirteu (onde a valentia é tida pela mais alta *areté*) fosse no Estado ideal “reelaborado” de tal forma que se pusesse a justiça no lugar da valentia (Id., Ibid, p. 139)

Assim, percebe-se que “Platão não pretende excluir a virtude espartana, mas pô-la simplesmente no seu lugar e subordiná-la à justiça” (p. 139).

As quatro virtudes platônicas, que são: a fortaleza, a piedade, a justiça e a prudência, são a verdadeira virtude cívica. Enquanto para Aristóteles, todas as virtudes estão incluídas na justiça.

A filosofia de Platão e de Aristóteles não pode ser compreendida sem a cultura grega e nem a cultura grega sem elas.

De acordo com Jaeger (2013), Platão afirma que cada tipo de Homem é definido por cada forma de Estado e, tanto Platão quanto Aristóteles, exigem que a Educação do Estado imprima a marca do seu espírito. Assim, a ética e a educação filosóficas se unem tanto pelo conteúdo quanto pela forma com as mais antigas legislações.

Platão culmina a sua obra filosófica pedagógica com a sua conversão em legislador, na última e maior de suas obras; e Aristóteles conclui a *Ética* com o apelo a um legislador que lhe realize o ideal. A lei é também uma introdução à filosofia, na medida em que, entre os gregos, a sua criação era obra de uma personalidade superior. Com razão, o legislador era considerado um

educador do seu povo e é característico do pensamento grego que ele seja frequentemente colocado ao lado do poeta e as determinações da lei junto das máximas da sabedoria poética (Id., Ibid., 142-143).

Para Aristóteles o Homem se distingue de qualquer animal pela sua qualidade de cidadão, por ser político e, para Platão, a verdadeira educação é aquela considerada uma formação “geral”, porque o sentido do político (poder e saber) é o sentido do geral.

Sobre o ideal “humanista” para uma educação ético-política geral e humana, a antiga cidade-Estado é o primeiro estágio, depois da educação nobre (JAEGER, 2013).

O novo tipo de homem, o cidadão, surgiu a partir da nova estruturação do Estado sobre o fundamento comum do direito para todos. E “o cidadão”, esse novo tipo de homem, fez da formulação de uma norma universalmente válida para a vida na cidade a necessidade mais premente da nova comunidade (Id., Ibid., p. 148)

De uma forma resumida, tem-se os seguintes estágios da educação grega:

- 1) Sociedade primitiva nobre: epopéia foi a expressão objetiva.
- 2) Hesíodo: formulou a sabedoria prática da ética aldeã e a moral do trabalho.
- 3) Tirteu: severas exigências do Estado espartano.
- 4) Platão e Aristóteles: justiça, leis, direitos, cidadão.

Sólon: começo da formação política em Atenas

Para Jaeger (2013, p. 175), Sólon é o primeiro representante do autêntico espírito ático e, ao mesmo tempo, seu criador mais eminente.

Os historiadores políticos, habituados a julgar as personagens históricas pelas suas obras palpáveis, apreciam Sólon, principalmente, pelos aspectos da sua obra que visam a realidade política [...] O que mais interessa para a história da educação grega é que Sólon ultrapassou imensamente, como mestre político do seu povo, a esfera da sua influência histórica e temporal; e é isto que lhe dá uma importância permanente para a posteridade (p. 175).

Enfim, Sólon é um aristocrata responsável por acabar com a monarquia. Ele perdoa as dívidas do povo, diminui a diferença social, cria a democracia, estabelece leis. Ele é o primeiro homem importante para Atenas e, liga-se Sólon, a um período de prosperidade.

Os sofistas

Jaeger (2013, p. 190) escreve que na época dos “pré-socráticos”, “a função de guia da educação nacional estava reservada aos poetas, a quem se associavam o legislador e o homem de Estado”. E é com os sofistas que surgem algumas mudanças neste contexto, pois eles se “separam dos filósofos da natureza e dos ontólogos do período primitivo”. Assim, “a sofística se torna um acontecimento de tipo educativo, no sentido mais próprio. Só uma história da educação pode dar-lhe o devido valor”.

De acordo com Jaeger (2013), esse fenômeno, a sofística, é a origem da educação no sentido estrito da palavra: a *Paidéia*.

Foi com os sofistas que essa palavra, que no século IV e durante o helenismo e o império haveria de ampliar cada vez mais a sua importância e a amplitude do seu significado, pela primeira vez foi referida a mais alta *areté* humana e, a partir da “criação dos meninos” – em cujo simples sentido a vemos em Ésquilo, pela primeira vez –, acaba por englobar o conjunto de todas as exigências ideais, físicas, espirituais, que formam a *Kalokagathia*, no sentido de uma formação espiritual consciente. No tempo de Isócrates e de Platão, está perfeitamente estabelecida essa nova e ampla concepção da ideia de educação (Id., Ibid., p. 335).

Sobre a *Kalokagathia*, Fonseca (1998) aponta que ela se exprime em beleza e bondade que são atributos que o homem deve procurar realizar. Morando (1961, p. 40-41) apud Fonseca (1998, s.p), fala que,

O ideal de harmonia expressa-se [...] com a aspiração à *Kalokagathia*, na qual se via a bondade indissolivelmente ligada à beleza, bondade resultante de um firme e equilibrado domínio de si e beleza que representa exteriormente a serena ordem interior da alma [...] Aristóteles assinalou que o fim do homem é

“viver feliz e belamente”. Por isso a educação grega é a busca de uma perfeita eúritmia.

O que os gregos queriam era uma educação total, de espírito e de corpo, baseada numa concepção total do Homem, mas existia aí, nesta sociedade civil e urbana, uma “grande desvantagem em relação à aristocracia, porque, embora possuísse um ideal de homem e de cidadão e o julgasse, a princípio, muito superior ao da nobreza carecia de um sistema consciente de educação para atingir aquele ideal” (p. 336).

O Estado do século V é assim o ponto de partida histórico necessário do grande movimento educativo que imprime o caráter a este século e ao seguinte e no qual tem origem a ideia ocidental de Cultura. Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a ideia de Educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação dos homens e a pôs a serviço dessa tarefa (p. 337).

Jaeger (2013) considera como movimento educacional poderoso, a sofística, que tem sua *areté* baseada no saber.

- ✓ **Finalidade desse movimento educacional:** não era a educação do povo, mas sim a educação dos chefes, a educação dos nobres.
- ✓ **Ideal desse movimento:** era formar-se para a política e tornar-se dirigentes do Estado (aptidão intelectual somada ao poder da oratória).
- ✓ **Objetivo da educação sofista:** a formação do espírito.

Esse objetivo encerra uma extraordinária multiplicidade de processos e de métodos, mas deve-se encarar essa diversidade pelo ponto de vista unitário da formação do espírito:

- ✓ Por um lado, o espírito é o órgão através do qual o Homem apreende o mundo das coisas e se refere a ele.
- ✓ Por outro lado, se abstrairmos de qualquer conteúdo objetivo (e essa é uma nova faceta do espírito, naquele tempo), também o espírito não é vazio, mas revela pela primeira vez a sua própria estrutura

interna. É esse o espírito como princípio formal (JAEGER, 2013, p. 342).

De acordo com esses dois aspectos, percebe-se que há nos sofistas duas modalidades distintas de educação do espírito:

- I. a transmissão de um saber enciclopédico.
- II. a formação do espírito nos seus diversos campos. (Id., Ibid., p.342)

Para Jaeger (2013, p. 342), o antagonismo espiritual desses dois métodos de educação só podem alcançar unidade no conceito superior de educação espiritual. As duas formas de ensino sobrevivem até o momento, mais sob a forma de compromisso que na sua unilateralidade

“Mas não nos deve iludir a união dos dois métodos na atividade de uma mesma pessoa: trata-se de dois modos fundamentalmente distintos de educação do espírito” (Id., Ibid., p. 342).

Protágoras representa uma terceira forma de educação sofística, na qual as raízes mergulham na política e na ética.

Ao lado da formação meramente formal do entendimento, existiu igualmente nos sofistas uma educação formal no mais alto sentido da palavra, a qual não consistia já numa estruturação do entendimento e da linguagem, mas partia da totalidade das forças espirituais. É Protágoras quem a representa. A poesia e a música eram para ele as principais forças modeladoras da alma, ao lado da gramática, da retórica e da dialética. É na política e na ética que mergulham as raízes desta terceira forma de educação sofística (p. 342).

Neste quadro temos, portanto:

- 1) uma educação meramente formal;
- 2) uma enciclopédica e,
- 3) uma terceira que compreende a educação numa relação com as condições sociais e isso se deve porque o homem não é considerado de uma forma abstrata, mas como membro da sociedade. “É dessa maneira que coloca a educação em sólida ligação com o mundo dos valores e insere a formação espiritual na totalidade da *areté* humana” (p. 342).

Mesmo existindo essas três formas de educação sofisticada, uma condição é fato para todos os sofistas: são mestres da *areté* política e aspiram a alcançá-la mediante o fomento da formação espiritual, qualquer que fosse a sua opinião sobre a maneira de realizá-la. “Foram os criadores da formação espiritual e da arte educativa que a conduz” (p. 343).

Jaeger (2013) esclarece como Platão e Aristóteles abalaram os sofistas nos seus próprios fundamentos:

É claro que, em contrapartida, a nova educação, precisamente porque ultrapassava o meramente formal e material e atacava os problemas mais profundos da moralidade e do Estado, se arriscava cair nas maiores parcialidades, caso não se fundamentasse, numa investigação séria e num pensamento filosófico rigoroso, que buscassem a verdade por si mesma. Foi a partir desse ponto de vista que Platão e Aristóteles impugnaram mais tarde todo o sistema total da educação sofisticada e o abalaram nos seus próprios fundamentos (p. 343).

A contribuição dos sofistas para a educação é inegável, “constituem um fenômeno do mais alto significado na história da educação. É com eles que a *Paidéia*, no sentido de uma ideia e de uma teoria consciente da educação, entra no mundo e recebe um fundamento racional [...]”, mas “há sempre neles algo de incompleto e imperfeito” (p. 348).

Para Fonseca (1998) o maior problema dos sofistas é que são “educadores” que oferecem o ensino da “virtude” a troco de dinheiro e, ainda, convertem a educação numa técnica – *tékhnē* - ou numa arte, na qual eles são os mestres. Jaeger (p. 349) cita que “quando ensina a *Areté* política, o sofista chama de *tékhnē* política a sua profissão”. Vê-se a dificuldade sobre a educação dos sofistas que são “educadores” que convertem a educação numa técnica.

Fonseca (1998) mostra que os sofistas depositam o poder na oratória e na retórica, uma técnica que tem o conteúdo esvaziado de valor, na qual o que importa é vencer e convencer.

Segundo ela, entram em crise os sacrossantos valores da tradição: verdade, justiça, virtude. Assim, a dialética aplicada à política, vira as costas

para a ética. É este o tema central do Górgias. Trata-se de saber o que é retórica ou oratória, estabelece-se que não é ciência, mas técnica. “Técnica maldita”: só precisa dela quem quer enganar e ludibriar os outros; quem quer praticar o mal e a injustiça, segundo Sócrates. E, os artífices desta técnica são os sofistas. Segundo Platão, sofistas e oradores são a mesma coisa.

Fonseca (1998) afirma que Górgias condena a retórica que conduz à imoralidade; condena toda a sofística; para ele os sofistas são acusados de imoralidade por administrar uma educação perversa e pervertida, de corromper a juventude e de sublevar os valores tradicionais, minando as bases da ordem social e política estabelecida. E, Sócrates, quer inverter esta sofística reconstruindo:

- ✓ A conexão da cultura do espírito.
- ✓ A conexão da cultura intelectual com a cultura moral e política.
- ✓ O *Ethos* no coração do homem e no centro da atividade política e no centro da *areté*.

Para a autora, os sofistas se apresentam como mestres da *areté* política, mas estão bem longe de corresponderem a tal presunção.

Segundo a autora, para Sócrates e Platão, os sofistas são só demagogos e a especialidade de que se dizem mestres não é outra coisa senão demagogia.

Os sofistas foram os primeiros a ministrar um tipo de educação superior, sobretudo, a convicção de que a educação não acaba com a saída da escola. A mesma ideia é alargada por Sócrates que acredita que a educação não consiste na transmissão de conhecimentos, mas sim na formação do homem como homem.

Para Sócrates, a verdadeira essência da educação é dar ao homem condições para alcançar o fim autêntico da sua vida.

Para Platão a educação nunca acaba e dura tanto quanto durar a vida do homem. O homem só é homem pela educação. Homem e educação encontram-se vinculados de tal modo que um só existe pelo outro.

Sobre a discussão que envolve a *tékhne*, teoria e arte da educação, percebe-se que “a conversão da educação numa técnica é um caso particular da tendência geral do tempo a dividir a vida inteira numa série de compartimentos separados, concebidos com vistas a uma finalidade e teoricamente fundamentos num saber adequado e transmissível” (JAEGER, 2013, p. 349).

Tem-se um sofista que se destaca entre os demais sofistas, que se satisfaziam pelo simples fato de transmitir “sabedoria”, e o nome dele é Protágoras que “se esforça por distinguir a *Tékhne* das técnicas profissionais, em sentido estrito, e por lhe dar um sentido de totalidade e de universalidade” (p. 349). A partir do momento que surge essa separação fundamental entre o poder e o saber técnico e a cultura, temos o fundamento do humanismo.

Jaeger (2013) afirma que os discípulos procuravam os sofistas, justamente, para fugir de uma educação puramente técnica e profissional, mas, na verdade, eram conduzidos por eles a um novo tipo de saber técnico. Agora, Protágoras, acreditava que somente a educação política era verdadeiramente universal.

Essa concepção da essência da educação “universal” dá-nos a síntese do desenvolvimento histórico da educação grega. Essa educação ética e política é um traço fundamental da essência da verdadeira *Paidéia*. Só em épocas posteriores, quando o Estado deixa de ocupar o lugar supremo, sobrepõe-se a ela ou a substitui um novo tipo de humanismo puramente estético. Nos tempos clássicos é essencial a ligação entre a alta educação e a ideia de Estado e da Sociedade. Não é como exemplo histórico, meramente aproximado, que usamos o termo humanismo; é com plena reflexão, para designarmos o ideal de formação humana que com a sofística penetra nas profundezas da evolução do espírito grego e no seu sentido mais essencial. Para os tempos modernos, o conceito de humanismo refere-se de modo expresso à educação e à cultura da Antiguidade. Mas isso fundamenta-se no fato de também ter ali a sua origem a nossa ideia de educação humana “universal”. Nesse sentido, o humanismo é uma criação essencialmente grega (JAEGER, 2013, p.351).

Fonseca (1998) nos mostra que a verdadeira Paidéia é, para Protágoras, uma cultura geral de caráter superior, entendida como alimento que forma o espírito.

Protágoras foi considerado o mais importante de todos os sofistas por se comprometer a educar na *areté* política, por saber a importância de se educar socialmente o Homem (JAEGER, 2013).

O grande crítico dos sofistas foi Platão. Ele e Isócrates adotam as ideias educacionais dos sofistas e nelas introduzem diversas modificações. Exemplo disso é a transformação que Platão faz na célebre frase de Protágoras:

“O homem é a medida de todas as coisas” – Protágoras

Platão a transforma:

“A medida de todas as coisas é Deus” – Platão

Protágoras afirmava que sobre a Divindade não se podia dizer se ela existia ou não.

Platão era o adversário mais duro de Protágoras devido à indiferença religiosa, ao “relativismo” epistemológico.

Jaeger (2013) esclarece que na velha educação helênica, aquela anterior à educação sofista, não há distinção entre religião e cultura, ela está totalmente ligada ao aspecto religioso. O autor nos mostra que, foi na época dos sofistas, que houve a divisão entre a religião e a cultura e esse fato coincide com a época da criação da ideia consciente da educação.

De acordo com Jaeger (2013, p. 353),

[...] fundamentalmente é o espírito religioso da antiga educação helênica que toma forma nova na Filosofia de Platão. Platão ultrapassa a ideia de educação dos sofistas, precisamente porque volta atrás e remonta à origem.

O período que vai da sofística a Platão e Aristóteles alcança uma vasta e permanente elevação na evolução do espírito grego. Foi só à custa da sua juventude que o espírito grego, cujos mensageiros são os sofistas, alcançou o domínio do mundo.

Jaeger (2013, p. 358) aponta a importância dos sofistas como “criadores da mais alta e consciente educação humana”, mas esclarece que a “sua valorização não pode ficar sem crítica”:

Mas é importante recordar ao mesmo tempo que esses nobres foram, apesar do seu ponto de partida, os criadores da mais alta e consciente educação humana. É precisamente nessa íntima antinomia entre a grave dúvida sobre a possibilidade da educação e a vontade inquebrantável de realizá-la que residem a grandeza e a fecundidade do espírito grego. Há lugar entre os dois pólos para a consciência do pecado e pessimismo cultural do Cristianismo e para o otimismo educativo dos sofistas. É bom conhecer as circunstâncias temporais que condicionaram as suas afirmações para se fazer justiça aos serviços que prestaram. A sua valorização não pode ficar sem crítica, precisamente porque aquilo que os sofistas pretenderam e realizaram ainda é indispensável nos nossos dias (Id., Ibid., p. 358).

Na época dos sofistas, a velha e a nova concepção estão intimamente entrelaçadas: uma concepção aristocrática e uma concepção democrática da natureza e do universo. “As ideias dos sofistas sobre o Homem, o Estado e o Mundo não tinham a seriedade e a profundidade metafísica dos tempos que deram forma ao Estado ático e que as gerações posteriores recuperaram na Filosofia” (JAEGER, 2013, p. 385).

Para o autor, a falha dos sofistas resume-se da seguinte forma: “sua fraqueza deriva da inconsistência do núcleo espiritual e ético em que se fundamentava a estrutura da sua educação” (p. 385).

Paidéia cristã

Viu-se que a *Paidéia* Grega tem um ideal determinista, seletivo e elitista, preocupada com a formação do homem integral, mas para uma classe. Diferente do ideal de *Paidéia* Cristã, na qual se tem uma educação pensada para todos. Inclusive, foi somente com a primeira pregação: Atos dos Apóstolos, que surge uma educação pensada para todos e é a partir daí que se começa a compreender a *Paidéia* Cristã. Somente com o carisma de Jesus e com a pregação e organização que Paulo de Tarso estabeleceu que surge a ideia de educação para todos. Para Jesus de Nazaré não há distinção

entre judeus e gregos, homens e mulheres, ou seja, todos podem aprender. Essa é a grande mudança ocorrida na perspectiva educacional.

Gross (2006, p. 143) esclarece que desde o início do cristianismo já existia a necessidade de estabelecer ligações entre a fé cristã, o conhecimento e a educação, dentro do contexto de crer e aprender e da integração da Fé com o ensino.

Nunes (2003) *apud* Gross (2006, p. 144), aponta que concomitante com o cristianismo surgia o caráter fortemente inclusivo do projeto pedagógico a partir do momento que se colocava uma fundamentação igualitária que abrangia a todos e a todas. Democratizava-se, pela primeira vez na história educacional da humanidade, o acesso ao saber, que agora não ficava restrito somente às classes privilegiadas e mais favorecidas. Surge assim a premissa cristã que todos podem ter acesso ao saber e que todos podem almejar a salvação.

O ensino foi o elemento vital da igreja cristã primitiva. O mundo helênico, no qual a igreja nasceu, ressaltava orgulhosamente os seus grandes mestres. O judaísmo, antecedente histórico do cristianismo, era uma religião de mestres. Jesus de Nazaré, através de quem e por causa de quem a igreja foi fundada, era o mestre dos mestres. Tornou-se natural, então, que o ensino devesse, e na realidade assim o fez, ocupar um lugar eminente no ministério da igreja primitiva (HINSON, s.d, p.19 *apud* GROSS, 2006, p.144).

Jaeger (1991, p. 117) *apud* Gross (2006) já evidenciava o papel central exercido pela Bíblia na *Paidéia* Cristã: “Assim como a *Paidéia* grega consistia na totalidade do corpo da literatura grega, a *Paidéia* cristã é a Bíblia”.

Gross (2006) traz outra citação interessante de Jaeger (1991) referindo-se à obra *Paedagogus* escrita por Clemente de Alexandria no Século II:

A própria escolha do título *Paedagogus*, que mostra Cristo num novo papel (...) como o “educador da humanidade” (ele) é posto por esse meio em contraste com a ideia grega de cultura no seu todo, pois é esse o sentido exacto que a palavra *Paidéia* desenvolveu no decurso da sua história. O emprego da palavra “pedagogo” neste sentido exaltado indica que ela já não

significava o escravo que, nos séculos clássicos da Grécia, costumava acompanhar um jovem à escola e desta para casa, mas está mais próxima do sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidogogēin* nas *Leis*, em que define a relação de Deus com o mundo deste modo: “Deus é o pedagogo do mundo inteiro” (JAEGER, 1991, p. 83-84 *apud* GROSS, 2006, p. 148).

Percebe-se que da mesma forma que na *Paidéia* Grega tinha-se Aquiles, herói construído por Homero, exemplo a ser seguido, como ideal humano; na *Paidéia* Cristã, o exemplo a ser seguido era Jesus, filho de Deus que “é o pedagogo do mundo inteiro” (Jaeger, 1991). E Lara (1999, p. 27) *apud* Gross (2006, p. 149), nos mostra exatamente isso: “Jesus pôde, então ser apresentado como o ideal humano a imitar-se, e o cristianismo como a consumação da *Paidéia*”.

Conforme Silva e Melo (2008), “assim como Homero exalta Aquiles, como modelo de homem perfeito, um semideus, Paulo de Tarso exalta Cristo como modelo educacional e de homem perfeito, o próprio Deus que se fez homem” (p. 5).

[...] assim como a ética homérica da honra era o elemento propulsor do ideal pelo qual a vida mesma é sacrificada, pela virtude (pela *areté*, que faz do homem um bravo), a pedagogia cristã imprime o mesmo sentimento de sacrifício e domínio da vontade, a fim de não ser reprovado, ou seja fazer-se semelhante a Cristo que sacrificou-se por todos. Fala de moderação e ao mesmo tempo de um sentimento moral que é a mola fundamental que leva o herói a lutar pela glória com o mesmo entusiasmo que o cristão luta pela sua santificação (Id. p. 6)

Ao estudar a *Paidéia* Cristã percebe-se a figura de Platão em todo o seu contexto. Para Jaeger (2013),

A cultura antiga, que a religião cristã assimilou e à qual se uniu para entrar, fundida com ela, na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico. É só por meio dela que se pode compreender uma figura como a de Santo Agostinho, que traçou a fronteira histórico-filosófica da concepção medieval do mundo, por meio da sua “Cidade de Deus”, tradução cristã da “República” de Platão.

Gross (2006) questiona a ligação de Santo Agostinho com Platão ao lançar a seguinte pergunta em seu texto: “Não seria o caso de considerar-se Agostinho de o mais platônico dos pensadores patrísticos?” (p. 151).

Lauand (1998, p. 12) *apud* Gross (2006, p. 151), cita **o papel da Igreja como educadora do povo**: “Agostinho incidia sobre todos os aspectos da vida, preocupado em secundar o papel que a Igreja desempenhava desde o fim da Antiguidade – e continuaria a desempenhar ao longo da Idade Média – como educadora do povo”.

Nota-se a ação pedagógica da Igreja – educadora do povo – que insere o conhecimento intelectual ao conhecimento salvífico no que se poderia denominar de “sabedoria da Salvação” (GROSS, 2006, p. 151).

Gross (2006) traz alguns exemplos que “devotaram toda a força intelectual do seu pensamento para explorar as múltiplas possibilidades e aplicações deste conceito”, são eles: Paulo, Agostinho e Tomás de Aquino; “numa outra vertente religiosa, num outro momento histórico” temos os exemplos de Lutero, Melanchton e Calvino; no século XVI, temos a figura de Comênius, “membro da unidade da fé reformada dos Irmãos Morávios, com sua Didática Magna”, que tinha como lema: Ensinar tudo a todos!

Assim, Gross (2006, p. 151-152) apresenta “todo um contexto pedagógico, que mediante uma multissecular corrente de educadores ligados a esta *Paidéia*, procuram unir educação e as ‘boas vindas’ anunciadas por Cristo e seus discípulos”.

O cristianismo passou a dar aos homens uma nova significação para as suas orientações e um novo centro para os valores morais, individuais e sociais. As escolas catequéticas nas quais o ensino precedia o batismo e a ele dava a admissão, ilustra bem esta união entre ensino, aprendizagem e fé (*Id., Ibid.*, p.152).

E foi dessa forma que a *Paidéia* Cristã foi inserida no ocidente. Por meio de um “ensino cristão praticado nas escolas cristãs, sob base cristã, para fundamentar na fé cristã, com evidentes, e muitas vezes exclusivos fins religiosos, mas sempre com conotação paidêutica” (*Id., Ibid.*, p.152).

Para Gross (2006) essa missão católica, universal, que tinha como objetivo atingir a todos acabou por contribuir para a expansão da escolaridade.

Gross (2006) finaliza seu texto com uma citação de Jaeger (1991, p. 41): “Assim, o antigo ideal grego entra numa nova fase de sua vida. A história não se processa a partir de uma definição daquilo que vai buscar ao passado, mas tomando posse de tal e adaptando-o aos seus novos objetivos”.

Considerações Finais

A educação participa na vida e desenvolvimento de toda uma sociedade, seja no sentido de um destino exterior, seja no sentido de uma estrutura interna ou desenvolvimento espiritual. Assim, concorda-se com Jaeger (2013), quando cita que a história da educação está condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. À estabilidade das normas válidas corresponde a solidez dos fundamentos da educação. Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade de qualquer ação educativa.

A Grécia representa um progresso em tudo o que se refere à vida dos homens em comunidade e ao pensar em “cultura” atribuímos aos povos gregos o surgimento desse conceito. E foi sob a forma de *Paidéia*, de “cultura”, que os gregos consideraram a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da antiguidade de que foram herdeiros. Jaeger (2013) afirma que sem a concepção grega de cultura não teria existido a “Antiguidade” como unidade histórica, nem o “mundo da cultura” ocidental. Enfim, ao pensar na história da Grécia, viu-se a finalidade sempre presente em que a sua vida assentava na formação de um elevado tipo de homem, mas esse ideal era elitista e seletivo.

Quando se compreende um pouco mais sobre a *Paidéia* Cristã percebe-se o surgimento de um ideal “democrático” que permite o acesso ao conhecimento a toda a população do mundo. Isso é o que diferencia a *Paidéia* Grega da *Paidéia* Cristã.

Importante ressaltar que apesar de se pregar uma nova *Paidéia*, a cristã, que tem em Cristo seu ponto principal, esta “nova” *Paidéia* tem suas origens fundamentadas numa *Paidéia* Grega e, nesse sentido, Jaeger (1991) assinala que não basta afirmar o cristianismo como a *Paidéia* verdadeira e única, mas é preciso enfrentar o momento de restauração pagã da época, dentro do qual os valores da *Paidéia* Grega converterão em religião e artigos de fé.

Referências

- FONSECA, Maria de Jesus. *A Paidéia grega revisitada*. **Millenium**, 1998.
- GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: *Paidéia* ao alcance de todos. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.141-156, set./dez. 2006.
- JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e *Paidéia* grega**. Tradução de Teresa Loureuri Perez. Lisboa: Edições 70, 1991.
- JAEGER, Werner. ***Paidéia*: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- NUNES, César. **A *Paidéia* cristã**. In: NUNES, César. *Educar para a emancipação*. Florianópolis: Sophos, 2003. p. 79-82.
- SILVA, R. G. A. da.; MELO, José Joaquim P.. **A formação do homem ideal: o herói grego e o cristão**. Seminário de Pesquisa. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2008.